

ENTREVISTA DE DOMINGO Maria Geny Borges Ávila Horle

Escola violenta reflete a sociedade

CARLA OLIVO

O resgate da família, do lar e dos valores é defendido pela pedagoga Maria Geny Borges Ávila Horle como principal instrumento para tentar solucionar os problemas enfrentados hoje no ensino. Com ampla experiência na área, a profissional exerceu plenamente a carreira, como professora, diretora de escola, supervisora, diretora regional de ensino, coordenadora de cursos superiores e secretária de Mogi das Cruzes. Ela destaca que a educação é um fenômeno social, que reflete a sociedade e acompanha o desen-

volvimento social, científico e tecnológico, influenciado por seus benefícios e dificuldades. Por isso, avalia que a reorganização da rede proposta pelo Governo do Estado no final do ano passado e adiada após inúmeros conflitos é inevitável, mas precisa ter mais diálogo e prever a necessidade de exceções para atender cada comunidade. Nascida em Santo Anastácio, no Interior do Estado de São Paulo, ela se formou em Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração, em Bauru, fez pós-graduação em Filosofia da Educação na Pontifícia Universidade

Católica (PUC) de São Paulo e vários cursos de atualização. A carreira teve início em 1967, no Ginásio Estadual de Avaí e, em 1973, aprovada em concurso para diretora de ginásio e colégio, veio para Mogi, onde atuou no Ginásio Estadual de Jundiapéba - hoje E.E. Professora Maria Isabel dos Santos Mello -, na Delegacia Regional de Ensino, na Universidade Braz Cubas e na Prefeitura Municipal. Também teve passagem pela Secretaria de Estado da Educação. Na entrevista a **O Diário**, ela avalia a educação hoje e fala sobre sua trajetória na Cidade:

Como a senhora avalia a educação hoje?

Como aluna, professora, diretora, supervisora, diretora regional de ensino, coordenadora de cursos superiores e secretária municipal de ensino, entendo que a educação é um fenômeno social, acompanha o desenvolvimento social, científico e tecnológico e sofre os benefícios disso e os problemas que a sociedade enfrenta. Se a sociedade é violenta, também teremos uma escola violenta, porque não podemos isolar a escola como se ela estivesse em uma redoma. Infelizmente, faltam valores e limites à juventude, resultados de um processo na educação familiar. Este desenvolvimento social, que criou o perfil de família com a mulher saindo de casa para trabalhar e os filhos sofrendo a falta de limites e valores, levou a todos os problemas vividos hoje na sociedade e na escola. Antigamente, havia mais respeito e valorização dos professores que, quando entravam na sala, eram recebidos até em pé por todos os alunos.

Há solução?

A educação precisa vir de casa. O artigo primeiro da Constituição Brasileira diz que ela é dever da família, escola e sociedade e direito de todos, mas as pessoas se esquecem da necessidade desta união. As crianças nascem em determinados grupos sociais, mas devem se tornar membros deles, ajudando a crescer e se desenvolver em conjunto para viver bem. Todos precisam estar envolvidos no desenvolvimento da criança e deve haver sintonia para se fazer um bom trabalho. Mas hoje ninguém ouve ninguém. Há tanta intolerância e falta de valores que se vê não só professores apanhando na sala de aula, como médicos sendo agredidos em postos de saúde. Precisamos resgatar a família, o lar e os valores para definir qual a sociedade e o homem que se quer.

Qual sua opinião sobre a reorganização da rede de ensino proposta pelo Governo do Estado e adiada após vários conflitos?

Há pontos positivos e negativos. Não vejo problemas de a criança estar junto com os alunos mais velhos, porque isso faz parte da sociedade, mas pedagogicamente esta reorganização é melhor porque os professores têm oportunidade de se especializar no trabalho com aquela faixa etária e melhores condições de se aprofundar nestas atividades pedagógicas. Hoje, eles dão aulas para turmas desde o sexto ano do Fundamental até o terceiro do Médio e precisam preparar abordagens pedagógicas diferentes. Só que, na reestruturação da rede física, em 1975, assim como na Secretaria Municipal de Educação, sempre defendi que o aluno deve estudar perto de casa e da família para que os professores, diretores e equipe escolar possam entender o que acontece com esta comunidade. Quando se tira a criança de uma comunidade e a leva para outra, a realidade é diferente e fica difícil a articulação com as famílias. Há outras questões, como a locomoção. Para levar os estudantes para longe de casa é preciso oferecer condições a fim de que possam frequentar as aulas. O Estado vai dar transporte a todos? As crianças cresceram e ficaram violentas. Quando eu era criança, ia a pé à escola, encontrando os amigos pelo caminho, mas hoje não dá para deixar os filhos andarem de ônibus sozinho. Os pais também terão locomoção garantida pelo Estado?

“Há tanta intolerância e falta de valores que se vê não só professores apanhando na sala de aula”

Esta paixão pelos estudos e escrever um livro sobre a história da região onde morávamos. Minha família sempre foi muito ligada à educação, estudo e pesquisa, mas eu era uma aluna normal, que frequentava as aulas e estudava como todos precisavam naquela época, já que o ensino era rigoroso.

Onde mais a senhora estudou?

Na adolescência, fui para o Colégio Santa Marcelina, que funcionava em sistema de internato e era dirigido por freiras, em Botucatu. No ginásio, voltei para minha terra natal e fiz o Curso Normal, seguido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sagrado Coração de Bauru, onde me formei em Pedagogia. O colégio interno era católico e me deu muita visão do mundo humanizado, no sentido de que todas as pessoas são iguais, têm direito à vida correta e íntegra. Meus pais eram



EXPERIÊNCIA Maria Geny Horle avalia a educação e a recente proposta de reestruturação do ensino do Estado

de professores contra porque teriam suas possibilidades reduzidas dentro da escola e perderiam aulas. Houve falta de diálogo com pais, alunos, professores, diretores e comunidade. Esta reorganização é necessária, mas precisa ser feita considerando a possibilidade de exceções e estudar cada caso seu tempo. É preciso ter abertura de análise junto à comunidade se há fundamento no que ela está reivindicando. Mas com esta mudança, que foi adiada, seriam fechadas mais de 90 escolas no Estado, o que significa redução dos postos de trabalho em uma época em que o desemprego já é grande.

A senhora nasceu no Interior do Estado. Ficaram recordações da infância?

Nasci em Santo Anastácio, perto de Presidente Prudente, onde estudei o primário em escola pública e tive uma infância abençoada. Meus pais (Celso Jaloto Ávila e Iveta Borges Ávila) não eram ricos, mas fizeram o possível para oferecer o melhor para mim, que sou a filha mais velha, e meus irmãos Iveta Maria e Celso Júnior. Meu pai tinha uma biblioteca grande em casa e gostava de ler, principalmente sobre o desenvolvimento e a História do Brasil. Ele também pesquisou a ocupação da região da Alta Sorocabana e lá sobre o tema. Quando morreu, aos 68 anos, vítima de atropelamento, era gerente de uma usina de beneficiamento de algodão e deixou muitos escritos. Meu irmão, hoje coronel da reserva do Exército, herdou esta paixão pelos estudos e escreveu um livro sobre a história da região onde morávamos.

Minha família sempre foi muito ligada à educação, estudo e pesquisa, mas eu era uma aluna normal, que frequentava as aulas e estudava como todos precisavam naquela época, já que o ensino era rigoroso.

Onde mais a senhora estudou?

Na adolescência, fui para o Colégio Santa Marcelina, que funcionava em sistema de internato e era dirigido por freiras, em Botucatu. No ginásio, voltei para minha terra natal e fiz o Curso Normal, seguido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Sagrado Coração de Bauru, onde me formei em Pedagogia. O colégio interno era católico e me deu muita visão do mundo humanizado, no sentido de que todas as pessoas são iguais, têm direito à vida correta e íntegra. Meus pais eram

religiosos, também tinham esta visão humanista da vida e carregou isso para meu trabalho na educação.

Quando teve início a carreira no magistério?

Ainda estudante, em 1967, comecei a lecionar no Ginásio Estadual de Avaí, próximo a Bauru, e no ano seguinte, já formada, dei aulas para o primário na Escola Rural e também no Colégio e Escola Normal Estadual de Santo Anastácio. De 1970 a 1973, fui para o Colégio Estadual Professora Maria Aparecida de Azeredo Passos, de Mirante do Paranapanema, onde conheci o Rodolfo, que era diretor de lá. Fiz concurso para diretora de ginásio e colégio, fui aprovada, mas aos 27 anos, não tinha tempo de serviço e como houve a expansão do ensino secundário, as vagas eram na Capital, periferia ou Grande São Paulo. Fiquei 4 meses no Ginásio Estadual de Cuiabá Paulista e no mesmo ano vim para Mogi, já que meus pais conheciam o Dr. Limongi (José Limongi Sobrinho) e sua mulher, dona Dina, que me apresentaram às irmãs do Instituto Dona Placidina, na Rua Senador Dantas. Lá havia um pensionado com quartos que recebiam principalmente estudantes vindos de outras cidades para fazer faculdade aqui. Então, fui trabalhar no Ginásio Estadual de Jundiapéba, hoje E.E. Professora Maria Isabel dos Santos Mello.

Qual sua impressão da Cidade quando chegou aqui?

Eu era jovem e vivia o entusiasmo de ser diretora de escola. A Cidade era tranquila e o único prédio era o Edifício Rio Negro. Jundiapéba, onde fui trabalhar parecia uma cidadezinha, mas Braz Cubas já tinha um núcleo urbano. O frio foi uma impressão negativa, porque vim de uma região quente e aqui havia forte neblina. Eu não tinha roupa suficiente em qualidade para trabalhar à noite em Jundiapéba e aprendi a usar uma calça mais fina debaixo da outra. Já namorava o Rodolfo, nos casamos no ano seguinte, ele pediu remoção para cá e fomos morar na Avenida Santa Rita, no Socorro, que ainda era de terra e tinha vários terrenos livres para construção. Ainda havia muito comércio e lembro quando os Shitabá abriram o primeiro mercado na Avenida São Paulo, onde toda a família trabalhava e eu fazia compras. Depois, fomos para o Alto do Ipiranga e, desde 1983, estamos na Vila Oliveira.

Como foi o início do trabalho em Mogi?

Em 1971, a Lei de Diretrizes e Bases

(LDB) transformou o Grupo Escolar e o Ginásio em escola de primeiro grau, o fundamental. Então, o Ginásio Estadual de Jundiapéba funcionava à tarde e noite e pela manhã passou a ser a escola Maria Isabel. Em 1975, houve outra redistribuição da rede física e mais um processo de reorganização, juntando o Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. Onde havia salas de ginásio e colégio, ficou como Ensino Fundamental e Médio. Eu e meu marido participamos ativamente deste processo e fazíamos parte de um grupo local formado por professores, diretores e supervisores de grupos escolares e do ensino secundário. Fizemos um estudo com os objetivos de cumprir a Lei 5.692 de 1971, que juntava os ensinos de primeiro e segundo graus e levava as crianças para estudar perto de casa, mas houve conversas com os pais para explicar tudo isso. Não foi tranquilo, mas era necessário. Na escola Washington Luís, por exemplo, a principal referência na Região, havia alunos de Póá, Itaquá e outras cidades, mas vizinhos do prédio não tinham vagas. O ensino era elitista e para conseguir vaga nesta escola era por indicação ou aprovação em um vestibulinho. Só que esta mudança foi um processo de mais conversa, na tentativa de esclarecer a comunidade, do que a proposta do Estado de reorganização que gerou conflito no final do ano passado.

Em quais outras escolas a senhora trabalhou?

Com a mudança de 1975, permaneci na direção das escolas que passaram pela junção do grupo e ginásio, o diretor mais antigo, que no caso da “Maria Isabel” era a professora Lucinda Bastos, muito respeitada e que fez história na comunidade. No ano seguinte, fui para a escola Gabriel Pereira, criada na Vila da Prata, e em seguida trabalhei como assistente de planejamento na Divisão Regional de Ensino 5 Leste - Mogi, onde também fui assistente técnico de primeiro grau, supervisora de ensino e diretora regional de ensino, até me aposentar, em 1993. Então, fui para a Secretaria de Estado da Educação, coordenei o Programa de Implantação e Consolidação dos Conselhos de Escola nas Escolas Estaduais de São Paulo e fui assessora de gabinete dos secretários Fernando de Moraes e Carlos Estevão Martins. Fiquei lá até 1995 e, em segui-

PERFIL

NOME: MARIA GENY BORGES ÁVILA HORLE
IDADE: 69 ANOS
NASCIMENTO: SANTO ANASTÁCIO (SP)
ESTADO CIVIL: CASADA HÁ 41 ANOS COM O PROFESSOR RODOLFO HORLE
FORMAÇÃO: PEDAGOGIA (BAURU) E PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO (PUC-SP)
TRABALHO: PROFESSORA APOSENTADA E EX-SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

da, assumi a coordenação dos cursos de licenciatura da Universidade Braz Cubas (UBC), onde já havia lecionado em 1983 e 1984, e também fui assessora pedagógica da Diretoria de Ensino, trabalhando com o professor Périclio Chamma Júnior, até final do ano 2000, quando o prefeito eleito Junji Abe (PSD) me convidou para ser secretária municipal de Educação.

Como foi esta experiência na Prefeitura?

Fiquei de janeiro de 2001 a janeiro de 2012, passando pelos dois mandatos do Junji e pelo primeiro do Marco Bertalotti (PSD) e considero que Mogi tem um excelente trabalho na rede municipal de ensino, oferecendo educação de qualidade e construindo um trabalho com foco também na qualidade social por estar atenta às necessidades de cada grupo específico da sociedade. Coloquei em prática o conceito de educação integral em tempo integral, que desenvolve o homem plenamente, trabalhando as disciplinas e também atividades artísticas e físicas. Diferentemente da rede estadual, na qual no período diverso ao convencional há aulas com disciplinas, a municipal não oferece mais do mesmo e foca em atividades complementares ao ser humano. Mogi tem um trabalho diferente de outras cidades nesta área e fico orgulhosa quando vejo resultados como a nota A recebida pela educação da Prefeitura pelo Tribunal de Contas e a premiação da merenda escolar. Outro trabalho que destaque é o projeto “Pequenos Músicos... Primeiros Acordes na Escola”, que culminou com a criação da Banda Sinfônica Jovem.

Por que a saída de lá?

“Deu muita visão do mundo humanizado, no sentido de que todas as pessoas são iguais, têm direito à vida correta e íntegra”
Chega uma hora em que é preciso viver a vida pessoal, porque ela não se resume à profissão, e o trabalho na Secretaria exigia grande dedicação. Ficava 10 horas na Prefeitura, trazia serviço para casa e não tinha finais de semana. Já que precisava acompanhar tudo, a idade chega e a cabeça vai bem, porque temos a capacidade mental enriquecida pela experiência do que vivemos, fizemos, acertamos e erramos. Sabemos o caminho a trilhar, mas o corpo não acompanha e temos que entender a hora de parar. Foi uma decisão tão pensada que não entrei em parafuso. Eu e o Rodolfo trabalhamos a vida toda na educação e nos dedicamos à comunidade em que estávamos. Em casa, a educação, o desenvolvimento e a organização social sempre foram assuntos comentados e vividos. Ele já estava aposentado e precisávamos viver outros momentos plenamente como seres humanos, nos dedicando a nós mesmos, à casa e ao nosso amor. Mas continuei na pesquisa, estudando a história e genealogia da minha família, não deixando de exercer a atividade intelectual, apenas mudando o foco.